



Salgueiro

diz que foi uma «despedida perfeita»

Marco Lima

«A minha melhor época no Cabreiros»

Dumiense/Brito

Rafa e Lenno projectam duelos



P. 8-9

Presidente sonha com campo de futebol 11

Vilarinho vai ter nova sede



Direcção espera que Câmara cumpra promessa

P. 10-11

Lago quer novos balneários



P. 15

S REGADINHAS DE FREIRIZ ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA E CULTURAL

Freiriz melhora parque desportivo

FC AMARES // P. 5

Nova Direcção

mantém aposta em Nelson Martinho

Duarte Nuno Campos

é o novo Director Desportivo

LANK VILAVERDENSE // P. 6

RICARDO SILVA PEDE APOIO AOS ADEPTOS

FEMININO // P. 7

Sara Alves

«Encontrei um clube mais profissional»

CALDELAS // P. 12

CALDELAS ASSEGURA VAGA NA HONRA

João Paulo

«Condições para pensar noutros voos»

RIBEIRA NEIVA // P. 13

André:

«Pode ser o título mais saboroso»

TERRAS BOURO // P. 14

MANUTENÇÃO MUITO COMPLICADA

CANOAGEM // P. 16

VIANA QUER CHEGAR À SELECÇÃO

GD PRADO

P. 2-3

«Que ninguém me venha culpar»

«Formação está melhor do que nunca»

ELEIÇÕES EM MAIO E ACTUAL PRESIDENTE AFASTA RECANDIDATURA

Miguel Gomes lembra que já era para sair há dois anos



Bié liderou marcadores da série A

«O nosso plantel era desequilibrado»

«Não sei se vou continuar»

P. 4

GD PRADO - MIGUEL GOMES

«COLOQUEI SEMPRE OS INTERESSES DO CLUBE ACIMA DAS AMIZADES»

► ► Miguel Gomes deixa a presidência do GD Prado após oito anos

Miguel Gomes está de saída da presidência do GD Prado. Foram oito anos de uma gerência marcada, principalmente, pelo crescimento do clube ao nível das infra-estruturas, com obras como a construção do campo sintético de futebol 7, dos novos balneários, a colocação de um novo sintético no campo principal e a colocação de iluminação "led". Em entrevista ao Desportivo, Miguel Gomes confidenciou que antes de a Direcção deixar o clube, no final de Junho, queria deixar pronto o salão multiusos. Entretanto, o Presidente da Mesa de Assembleia Geral, João Alberto Correia, marcou para o dia 20 de Maio as eleições para os órgãos sociais do clube.

Que balanço faz da época desportiva da equipa sénior?

O balanço não deixa de ser positivo, embora esperemos sempre um pouco mais. Sabíamos da qualidade do plantel e penso que, com um pouco mais de sorte, ao nível das lesões, principalmente no sector mais recuado, poderíamos ter chegado facilmente ao segundo lugar.

Era esse o objectivo?

A partir do meio da época, sim. Sabíamos que o primeiro lugar, que está bem entregue, seria muito difícil, mas o segundo lugar, embora estivessemos a ombrear com grandes equipas, estava ao nosso alcance. Não conseguimos por mérito dos outros e demérito nosso. No entanto, o 4º lugar não deixa de ser uma boa classificação. Estou contente com o comportamento

da equipa, com muita juventude, com qualidade, amparada por jogadores experientes, que os ajudaram muito no seu crescimento ao longo da época.

Tinha o desejo de deixar a presidência com a conquista da Taça, mas não vai ser possível.

A única final que vi do GD Prado foi

contra o Santa Maria, há muito anos, onde houve um grande envolvimento da população de Prado, quer na meia-final, quer na final. Isso marcou-me. Por isso era um dos meus desejos vencer a Taça na minha presidência. Não foi possível, paciência. Espero que quem me substituir o consiga e eu lá estarei na bancada para apoiar e festejar.

«Esta é a divisão ideal para o clube»

A Pró-Nacional é a divisão certa para o GD Prado?

Quando entrámos, o clube estava na Honra, subimos e voltámos a descer. Depois subimos novamente. Agora o clube está estabilizado na Pró-Nacional, onde já conseguimos um brilhante segundo lugar. Penso que é a divisão ideal para o GD Prado, devido às infra-estruturas que temos e aos apoios financeiros. Na

minha opinião, o clube devia começar pela base, ou seja, primeiro ter equipas da formação nos Nacionais e só depois dar o passo seguinte. Isso iria permitir ter uma base de recrutamento interna sem andar a depender de empresários ou da constituição de uma SAD. Esta é a minha visão, agora quem tomar conta do clube é que sabe o rumo que lhe vai dar.



Entidade formadora com três estrelas

A formação também deu um salto qualitativo?

Penso que sim. Estamos melhor do que nunca. Este ano conseguimos a terceira estrela na certificação da formação. A nossa candidatura, elaborada pelo nosso departamento de formação, foi a única que não foi alvo de reparos. Tenho de agradecer aos patrocinadores que nos ofereceram o desfibrilhador, que era o elemento que nos faltava para as três estrelas. Com esta atribuição estamos aprovados para competir nos Nacionais

e, se um dia lá chegarmos com uma ou mais equipas, poderemos ter mais uma estrela.

Desportivamente também está a ser um bom ano?

O Paulo Oliveira assumiu a coordenação numa fase difícil e na altura, se não fosse a pandemia, uma ou duas equipas podiam ter descido, sem que a culpa fosse dele. Porém, em pouco tempo, fruto do seu trabalho e empenho, conseguiu dar a volta à situação. Neste momento temos

os iniciados, juvenis e juniores na luta pela subida aos Nacionais. Quem sabe se é este ano que vamos subir... Eu ficaria muito feliz. Naturalmente que a Direcção investiu muito na formação. Posso dizer que, quando chegámos, baixámos o orçamento dos seniores, sem mexer no orçamento anual. Isso quer dizer que essa verba foi canalizada para a formação, na melhoria de infra-estruturas, compra de materiais e no aumento do número de equipas. Orgulha-nos ao fim-de-semana ver esta casa cheia de vida e alegria.

Um adeus que a pandemia atrasou

Miguel Gomes considera que é tempo de dar lugar a outros e garante um clube saudável aos seus sucessores, esperando que a passagem de testemunha seja feita de forma pacífica e célere. «Quanto mais depressa for resolvida esta situação melhor para o clube», realça.

É um adeus em definitivo à presidência?

Sim, temos de dar o lugar a outros. Já há dois anos era para sair, mas muito por culpa da pandemia acabámos por ficar, porque sabíamos que iria ser muito difícil alguém assumir o clube naquelas condições, a meio de uma época, com situações pendentes e com obras em andamento. A época passada foi desgastante. É horrível gerir um clube com a falta do contacto humano, porque o futebol também é essa convivência entre atletas e os adeptos. Este ano normalizou e voltámos a ter a alegria nas bancadas, que é fundamental em qualquer desporto.

Acredita que vai surgir uma lista aos órgãos sociais até ao dia das eleições?

Para o bem do clube, espero que sim. O ideal era que aparecessem já para trabalhar connosco até ao final de Junho, altura em que esta Direcção cessa funções. Se for alguém da estrutura, como eu desejo, ainda bem porque já tem esse conhecimento de como funciona o clube, mas se for alguém de fora ficava também contente. Quanto mais depressa for resolvida esta situação melhor para o clube, porque se deixarmos andar de Assembleia em Assembleia, podemos correr o risco de criar um problema para equipa sénior que poderá ser grave para o futuro do clube. Depois que ninguém me venha culpar, porque já avisei há muito que ia sair.

União e compromisso

Qual o segredo para aguentarem tantos anos?

É gerir o clube como as nossas vidas profissionais e familiares. Essa sempre foi a forma de estarmos no futebol. Não íamos ter uma postura diferente. Trabalhávamos de uma forma séria, se fizemos inimigos foi porque eles não souberam



lidar connosco. Sempre disse que deste portão para dentro os interesses do clube ficavam à frente das amizades. Quem não conseguiu distinguir isso é que ficou mal. Sinto-me orgulhoso pelas Direcções a que presidi, por tudo o que foi feito. Respondendo concretamente à sua pergunta, digo-lhe que nos seniores é preciso ter um bom director desportivo. Tive a felicidade de trabalhar com dois grandes homens.

O Delfim, na primeira fase, e depois o Nunu, que foram fantásticos. Depois, ter na formação um coordenador como o Paulo Oliveira é fundamental.

Na questão da gerência do clube, ter um braço direito como o Armindo, colegas como o Miguel e o Manel, entre outros, foi fundamental para resolver muitas situações. Se todos colaborarem um pouco, as coisas acabam por se fazer sem grande

dificuldade. Não pode é sobrar sempre para dois ou três. O clube precisa de um número grande de pessoas a trabalhar.

Quem entrar vai encontrar um clube estável?

Quem nos dera ter encontrado assim o clube quando assumimos funções há oito anos. Posso dizer que nunca sonhei ser Presidente desta grande instituição, fui um pouco empurrado pelos amigos e colegas de Direcção. Dei o meu melhor, sei que podia fazer mais, mas também não sou profissional. Sacrifiquei muito a minha família e vida privada pela família do GD Prado. Temos um relvado novo, um campo de futebol 7, iluminação “led”, novos balneários e painéis solares. Melhorámos muito ao nível energético para termos menos despesas financeiras. A nossa ideia sempre foi investir na sustentabilidade do clube para ter o mínimo de despesas e o máximo de rentabilidade.

E ainda quer terminar alguma obra?

É verdade. Já temos o orçamento para construir por cima dos balneários o salão multiusos, que servirá de museu, sala de reuniões, loja para venda dos produtos do clube, entre outras coisas. Penso que é realizável, financeiramente é que nos falta fazer e espero sair com a obra feita porque estamos preparados para a executar.

Sem dívidas na AF Braga

Como estão as contas do clube?

Quando entrámos há oito anos tínhamos uma dívida de 18 mil euros à AF Braga e deixámos o clube sem dever nada. Devemos ser dos poucos clubes com tudo regularizado. Quem quiser pegar no clube que venha ter connosco e mostrámo-lhe as contas, vai encontrar um clube com boa saúde financeira e com boas infra-estruturas. Aliás, no último relatório e contas tivemos um lucro de 14 mil euros. Sou da opinião que a Direcção que cessar funções deve deixar na caixa dinheiro suficiente para os novos directores começarem a trabalhar sem terem grandes dores de cabeça. É isso que vamos fazer.

«Fizemos um grande trabalho»

Miguel Gomes satisfeito com a obra realizada

O que mais o marcou nestes oito anos de presidência?

Tanta coisa. Marcou-me ver a evolução e crescimento de muitos meninos que vi chegar ao clube muito pequenos e agora estão nos seniores. Marcou-me ver a forma como somos respeitados e elogiados no exterior. Deixa-me orgulhoso ouvir os dirigentes de outros clubes dizerem que conheceram um clube com boas infra-estruturas, diferente no mundo do futebol, para melhor. Às vezes somos acusados de sermos brandos, mas é a nossa forma de estar e foi assim que conseguimos criar grupos de homens fantásticos. Se calhar é por isso que temos no plantel jogadores com muitos anos de clube. Alguns até terminaram aqui a carreira. Orgulha-me também ver

todas as obras que conseguimos executar nestes oito anos. Se conseguirmos terminar a obra do salão podemos dizer que fizemos um grande trabalho, mas com a consciência de que ainda há muito por fazer.

E o que não fez e gostaria de ter feito?

Era um dos nossos sonhos fazer uma bancada toda coberta para receber com dignidade os nossos sócios e adversários. O nosso lema sempre foi receber bem. Gostava de ter feito um local digno para a comunicação social. Também gostaria de ter aumentado o número de sócios do clube, melhorámos os números, mas não o que pretendíamos. E também ter trabalhado melhor a comunicação do clube nas redes sociais.



Novos balneários foi uma das obras realizadas pela Direcção do Prado

GD PRADO - BIÉ

BIÉ, O REI DOS MARCADORES DA SÉRIE A DA PRÓ-NACIONAL



► ► Avançado diz que tanto ele como a equipa podiam ter feito mais

Bié é um nome que dispensa apresentação no futebol distrital. 15 golos foi a pegada deixada, esta época, pelo avançado no campeonato da Pró-Nacional ao serviço do GD Prado, cotando-se como o melhor marcador da série A, ficando apenas atrás de Lenno, atacante do Brito, que terminou a prova com 21 golos apontados na série B.

«Quando a Pró-Nacional era composta apenas por uma série ambicionava ser o melhor marcador, porque é um título que ainda não conquistei. Neste formato, sinceramente não me interessa muito ser ou não o melhor marcador», confidenciou o jogador, que devido a uma lesão muscular nem sempre foi titular na formação alvinegra. «Não sei se poderia ou não ser o melhor marcador se jogasse sempre. Sei que apenas marquei um golo de penálti, mas mesmo assim no tempo em que estive em campo podia ter feito mais», frisou.

«Colectivamente também tínhamos condições para fazer algo mais, não foi possível, foi o que conseguimos», acrescentou o atacante.

E uma das razões apontadas pelo jogador foi o facto de o plantel ser «desequilibrado».

«Começou logo na construção do plantel, que não estava bem equilibrado em alguns sectores. Tínhamos algumas lacunas, mas penso que com um pouco mais de esforço podíamos ter feito um pouco mais, tanto no campeonato, como na Taça, onde ainda devíamos estar. Ficámos um pouco frustrados com a eliminação porque com o emparelhamento do sorteio tínhamos condições para chegar às meias-finais», apontou.

Quanto ao campeonato, Bié diz que, com excepção do Dumienense, não viu

mais nenhuma equipa superior ao GD Prado. «O Dumienense tem uma super-equipa, tira onze jogadores e mete outros onze e o nível é igual. Tem jogadores com uma qualidade superlativa que decidem jogos nos pormenores e foi isso que aconteceu muitas vezes. É verdade que ganharam muitos jogos na recta final, mas isso também se deve à sua persistência e vontade de ganhar. Temos de dar mérito. De resto não vi mais nenhuma equipa superior à nossa. Por isso, acho que tínhamos condições para ficar no segundo lugar», asseverou.

«Assinava se o Presidente ficasse»

Bié cumpriu a quarta época no Faial

Ao longo da sua carreira, Bié conheceu apenas cinco clubes: Merelinense, Martim, Vieira, Amares e GD Prado. E foi no Faial que viveu os seus últimos quatro anos futebolísticos. «Estava reticente porque tinha receio em jogar num sintético, pois tenho um problema numa perna, que é dois centímetros mais pequena do que a outra. E só à terceira tentativa é que o Presidente do Prado conseguiu convencer-me a jogar cá. Depois, a forma como fui acolhido pela Direcção, adeptos, o próprio roupeiro e a equipa técnica fez com que nunca saísse daqui», explicou.

Quanto ao futuro, o avançado diz que provavelmente assinaria novo contrato se Miguel Gomes se mantivesse na presidência do clube. «Como ele disse que não vai ficar, não sei como vai ser a nova Direcção e quais as suas ideias. Se ele ficasse era diferente, o mais certo seria eu também continuar, assim não sei», disse.

«Um amigo e não um concorrente»

Relação com Bruno Silva



Bié conheceu Bruno Silva no GD Prado e ao longo destes quatro anos disputou o lugar de ponta-de-lança com o experiente avançado. «Foi sempre uma luta muito saudável porque somos amigos dentro e fora do cam-

po. Ele não é um concorrente, mas sim um grande amigo que conheci em Prado. Quando ele marcava, festejava como se fosse um golo meu e se fosse ele o melhor marcador ficava na mesma contente», atirou.

«O sistema ideal era o 4x3x3»

Reparos a Márcio Azevedo

Bié diz que não ficou muito surpreendido com a saída de Lelo do comando técnico do GD Prado.

«Nem quando se ganha está tudo bem, nem quando se perde está tudo mal. E as coisas não estavam a correr bem, embora o “mister” tivesse saído por sua vontade devido a não estar a conseguir conciliar o trabalho com o futebol», ano-

tou o avançado, que também deixou alguns reparos ao comando de Márcio Azevedo. «Olhando às características dos nossos jogadores, o sistema ideal era o 4x3x3. Quando jogávamos nesse sistema a equipa rendia muito mais do que no 4x4x2, que habitualmente utilizávamos. Acho que a equipa técnica não conseguiu ver bem isso».



Lelo



Márcio Azevedo

FC AMARES - NELSON MARTINHO

«Foi talvez a época mais difícil da minha carreira»

Nelson Martinho falou da turbulenta temporada do FC Amares



O FC Amares viveu uma das épocas mais conturbadas da sua história. A temporada começou com promessas de grandes investimentos e de uma super-equipa para lutar pela subida aos Nacionais e terminou com os jogadores a fazerem greve aos treinos, devido a incumprimentos salariais, e com a dispensa dos três capitães (Petit, Zé Miguel e Pinto), o que gerou uma onda de contestação nas redes sociais. No meio deste turbilhão de emoções, Nelson Martinho, que pegou na equipa à terceira jornada, diz que viveu «talvez a época mais difícil» da sua ainda curta carreira.

Que balanço faz da época do FC Amares?

Quando assumi o comando da equipa tínhamos o objectivo de lutar pelos primeiros lugares. Mas, tendo em conta todas as condicionantes que encontrámos ao longo da época, tivemos de ajustar essa intenção para uma mais realista e a verdade é que acabámos por conseguir a manutenção, apesar de um contexto extremamente difícil. Mantivemo-nos na Pró-Nacional e nesse sentido acaba por ser um balanço muito positivo, tendo em conta tudo o que já referi.

Em condições normais, podiam ter lutado pelo segundo lugar?

Penso que sim. Recordo que, em Dezembro, perdemos o Luís (guarda-redes) e o Rui Gomes, que na altura tinha 11 golos e era o melhor marcador da nossa série, penso que se continuasse no clube iria ser o melhor marcador da nossa série [Bié marcou 15 golos] e não sei se não seria o melhor do campeonato. Fez-nos muita falta.

Mas foi só por isso?

Se olharmos para a classificação verificamos que não fomos uma equipa consistente, fomos capazes do melhor, outras vezes não fomos tão competentes e acabámos por fazer más exibições. Penso que isto se deve há instabilidade que se viveu no grupo. Se vivéssemos outro tipo de contexto acabaríamos por fazer um campeonato melhor, o que nos permitiria lutar pelo segundo lugar até ao fim, pois tínhamos valor para isso.

Meritocracia

No meio de toda esta turbulência não foi fácil gerir o balneário?

É muito complicado, uma tarefa muito árdua. O que tentámos fazer foi ser coerentes com todos os jogadores e ser o mais justos possível, tentando escolher o onze por meritocracia, independentemente do nome e da idade. Isso também foi uma consequência do surgimento de jovens da

equipa B. Numa primeira fase, por necessidade, tivemos de olhar para dentro, mas esses miúdos agarraram a oportunidade e acabaram por ser titulares muitas vezes, porque tinham valor.

Greve? Tínhamos de ser solidários!

E a greve aos treinos. O que se passou afinal?

Foi uma decisão do grupo e a equipa técnica tinha de estar solidária, sabendo que isso iria ter consequências desportivas, porque já vínhamos de uma paragem longa do Natal. Lembro que em dois meses fizemos apenas um jogo. Primeiro tivemos vários casos de Covid-19 e, depois, o Vila Chã adiou o jogo que tínhamos contra eles pela mesma razão. Isso fez com que os níveis físicos e de competitividade baixassem. A seguir surgiu a greve, foi mais uma semana sem treinar. Sabíamos que mais tarde ou mais cedo iríamos pagar a factura, mas tínhamos de ser solidários com o grupo.

«Merecíamos continuar na Taça»

O jogo da Taça em Santa Eulália é uma espinha na garganta?

Depois de termos assegurado a manutenção, o nosso foco estava centrado na Taça. Sabíamos que, pelo menos teoricamente, o jogo mais difícil que iríamos ter até à final seria com o Santa Eulália. Preparámos muito bem a eliminatória e transformámos um jogo difícil numa partida fácil. Fomos muito consistentes e acabámos por ser afastados com um penálti... aos 125 minutos. Depois, nas grandes penalidades não fomos felizes. Penso que seria um prémio justo para este grupo de trabalho que nunca baixou os braços, mesmo num contexto extremamente difícil. Honrou sempre a camisola que vestiu e ninguém pode apontar nada aos atletas.

Esta foi talvez a época mais difícil da sua ainda curta carreira?

Foi muito desgastante, com muitas dificuldades, mas acabou por ser prazerosa, pois, como iniciei a minha carreira na formação, sempre gostei de trabalhar com jovens. Dá-me um prazer enorme ver estes miúdos a evoluírem e penso que o ponto mais positivo da temporada acaba mesmo por ser o aproveitamento destes jovens, que para além da qualidade, também querem muito aprender. Claro que isto só foi possível porque também tínhamos um grupo de atletas mais experientes que os apoiaram e passaram conhecimentos. Mas arrisco-me a dizer que provavelmente foi a época mais difícil que tive como treinador.

Presidente vai marcar AG

Para dar a conhecer como encontrou o clube

Paulo Maia ainda está a estudar todos os dossiers do clube para se inteirar do estado real do FC Amares. O novo Presidente promete, depois, marcar uma Assembleia-Geral, que deverá acontecer em Maio ou início de Junho, para que os associados tomem conhecimento de como encontrou o clube.

Nelson Martinho já renovou

Direcção aposta na continuidade do treinador

A nova Direcção do FC Amares e Nelson Martinho chegaram a acordo para a continuidade do treinador na próxima época. Entretanto, Duarte Nuno Campos é o novo Director Desportivo.

Quanto ao seu futuro, foi convidado a renovar?

Sim, fui convidado a renovar. Conversei com a Direcção para perceber o caminho que o clube quer ou pode seguir, pois são duas coisas distintas e chegamos a um acordo. Vou continuar no FC Amares na próxima época.

O que se passou para os três capitães serem dispensados?

Isso é um assunto da Direcção e vou respeitar.

«Dá-me um prazer enorme ver estes miúdos a evoluírem»



LANK FC VILAVERDENSE

Lank Vilaverdense lidera Zona Norte

Equipa de Ricardo Silva continua bem posicionada para subir à Liga 3



O Lank Vilaverdense continua na luta pela subida à Liga 3. A equipa orientada por Ricardo Silva segue na primeira posição com 11 pontos, conquistados nas seis jornadas no apura-

mento de subida, Zona Norte. Na última ronda a formação de Vila Verde conquistou diante do Salgueiros os primeiros três pontos fora do seu habitat natural, depois dos empates em São Martinho (2-2) e o

Marítimo B (1-1).

«Uma certeza que toda a gente tinha é que esta fase ia ser extremamente complicada, porque todas as equipas têm argumentos para disputar qualquer jogo até ao fi-

nal. A tabela demonstra isso mesmo, com as equipas separadas por poucos pontos. As próximas quatro jornadas vão ser decisivas e queríamos muito manter esta posição até ao final», disse Ricardo Silva, não se mostrando surpreendido com a competitividade nesta fase da prova.

«Não me surpreende este equilíbrio, porque tinha um conhecimento de todas as equipas, dos treinadores, as ideias e a competência das suas estruturas. Nós somos uma equipa que também tem capacidade para o conseguir», juntou o treinador.

Zé Pedro é o melhor marcador

Nesta fase do campeonato há um jogador que se tem destacado pelos golos que tem marcado. Zé Pedro já fez o gosto ao pé por quatro vezes, com um hat-trick diante do Leça.

«O Zé Pedro um dos jogadores mais importantes naquilo que é o nosso grupo e a nossa dinâmica. Foi um jogador extremamente regular naquilo que é a sua relação com os minutos que teve ao longo da época. Nunca perdemos a confiança nele, antes pelo contrário, sei que se depender dele para ganhar jogos estarei sempre em boas mãos, porque é um jogador muito competitivo, nunca vira a cara à luta. O que se passou no jogo com o Leça é o espelho do carácter dele», disse Ricardo Silva.

«Marcou três golos e acabou completamente fatigado, voltou a fazer um bom jogo na Madeira e é isso que nós esperamos dele e de outros que estão a aparecer. Mas o importante é a equipa, ele sabe disso, e os restantes jogadores também», juntou o técnico.

«Merecíamos ter ganho esse jogo»

Cajó fez de avançado na Madeira

Cajó foi o herói na deslocação da equipa à Madeira. A equipa do Lank Vilaverdense sofreu um golo aos 43 minutos e apesar de ter criado inúmeras oportunidades, não foi capaz de marcar, até aos 90+8 minutos, quando Cajó, subiu à área contrária e assinou o 1-1 final na partida da quinta jornada da fase de subida à Liga 3, no Campeonato de Portugal, Zona Norte.

«Empatamos na Madeira no último lance, mas fizemos um jogo com uma grande qualidade onde devíamos ter somado os três pontos. Apenas conquistámos um, foi o ponto possível, mas a forma como dominámos, empurrámos o adversário para trás e pelas oportunidades que criámos foram claramente dois pontos perdidos», apontou Ricardo Silva.



«Esta força extra vai ser importante»

Apoio dos adeptos



Ricardo Silva sabe que a luta pela subida à Liga 3 vai ser disputada até ao último suspiro e que o público poderá ter um papel preponderante nestas últimas quatro finais. Por isso, deixou um apelo aos adeptos e associados do Lank Vilaverdense para apoiarem a equipa. «Os adeptos vão ser muito impor-

tantes e faço um apelo aos nossos para se deslocarem em grande número aos nossos jogos para fora das quatro linhas equilibrar ou até superiorizar-se à bancada do adversário. Esta força extra vai ser muito importante e a nossa equipa tem feito por merecer o apoio deles», apontou.

LANK FC VILAVERDENSE - SARA ALVES

«Temos uma margem de progressão enorme»

Sara Alves chegou ao Lank Vilaverdense na fase de apuramento de campeão



Sara Alves chegou ao Vilaverdense com 14 anos, depois de um percurso feito no Arsenal de Crespos, clube da sua terra de origem. No ano em que esteve em Vila Verde conquistou um título nacional e outro distrital na categoria de juniores.

«Foi a primeira vez que joguei numa equipa feminina. Foi um ano muito bom, tinha-

mos uma grande equipa, bom ambiente e acabámos por conquistar o título nacional de juniores. Para o meu primeiro ano no futebol feminino não foi nada mau», contou a jogadora, agora com 21 anos, que depois rumou à equipa do SC Braga B. «Na altura senti que tinha de mudar para continuar a evoluir e crescer como jogadora. Esses dois

anos no SC Braga fizeram-me muito bem, saí muito melhor», frisou.

Sara prosseguiu, depois, a carreira no Gil Vicente e juntou ao currículo uma subida à I Divisão ao serviço do emblema de Barcelos. No ano seguinte, a meio da época, regressou ao SC Braga para integrar o plantel principal das arsenalistas.

A necessidade de jogar com mais frequência e o facto de o Vilaverdense ter feito uma parceria com o Lank levaram a jogadora a aceitar o convite para regressar ao seu primeiro clube no futebol feminino.

«O meu regresso correu bem. Integrei-me facilmente na equipa, as minhas colegas também me ajudaram e estou a gostar muito. Encontrei um clube mais profissional, melhores condições, mais organizado. Aliás, foi isso que também me fez regressar», disse.

A jogadora entrou já com o comboio em andamento e a equipa apurada para a fase de apuramento de campeão, onde estão inseridas as oito melhores classificadas nas duas séries.

«Estamos entre as oito melhores equipas de Portugal e não é fácil defrontar qualquer um destes adversários. Somos uma equipa jovem, que ainda está a crescer, algumas jogadoras ainda é a primeira vez que estão a jogar num campeonato deste nível, por isso é normal sentir algumas dificuldades com certos adversários mais experientes e com muitos anos de Liga BPI», frisou.

Margem para crescer

Na próxima época, Sara Alves vai continuar a representar a equipa do Lank Vilaverdense. A central assinou um contrato de ano e meio com a formação verde e branca e quer ajudar a equipa a crescer. «Na próxima época ainda podemos fazer melhor, pois temos boas jogadoras, jovens, com margem de progressão enorme, mas este ano foi muito positivo. Para uma equipa que subiu esta época conseguir apurar-se para a fase de campeão é muito bom, até porque o objectivo era manter o clube na maior divisão do futebol feminino», assinalou.

PJ quase a “obrigava” a deixar o futebol

Sara Alves confidenciou que na época em que foi representar o Gil Vicente esteve a um pequeno passo de deixar o futebol. Na altura, concorreu para a um curso da Polícia Judiciária, em Lisboa. A jogadora passou os

testes físicos, mas acabou por chumbar nos psicotécnicos. Agora frequenta o curso de Criminologia e Justiça Criminal, na Universidade do Minho, o que lhe permite continuar a conciliar os estudos e o futebol.



Evolução muito positiva



A jogadora diz que não sentiu muito o “choque” com a evolução do futebol feminino como outras gerações de atletas. No entanto, diz que mesmo assim nota uma grande transformação para muito melhor. «As equipas estão a apostar cada vez mais na formação e esse é o caminho. Só o facto de a Federação querer uma Liga BPI só com equipas profissionais é muito bom. Depois, a UEFA também já disse que, em

2023/24, qualquer clube que queira disputar provas europeias no futebol masculino terá de estar presente, de uma maneira ou de outra, na vertente feminina do jogo. Penso que esse é o caminho certo», disse a central, que apesar de não viver «obcecada» com uma chamada à Selecção Nacional, não nega que seria uma «honra» e um «orgulho» representar a equipas das quinas.

ACDR VILARINHO

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce» é uma citação de Fernando Pessoa que se pode aplicar perfeitamente à ACRD Vilarinho, uma Associação fundada a 18 de Março de 1987, mas que só há meia de anos decidiu apostar na vertente do futebol federado. E o crescimento está à vista de todos. O clube conseguiu construir um campo de futebol 7 sintético, balneários e agora está quase a terminar a sede do clube. Uma obra «marcante» que vai impulsionar ainda mais o crescimento desta Associação da Freguesia de Vilarinho. «A sede é composta pelo bar, uma cozinha, um grande salão e casas de banho. Vai servir para festas, convívios e principalmente para serviço de Take Away ao fim-de-semana», diz orgulho Adelino Oliveira, que está na presidência do clube há 22 anos.

«A obra foi executada por pessoas amigas e o material foi o Município que nos ofereceu, com algum apoio da Junta de Freguesia. Até o padre trabalhou aqui», acrescentou Adelino Oliveira.

Os custos desta empreitada rondam os 70 mil euros e o clube já entrou com 15 mil.

«É uma obra muito marcante para a nossa Associação. Quando começámos há três anos nunca imaginei que fosse possível, mas aos poucos lá fomos andando e está quase pronta. Os acabamentos ficam mais caros e demoram mais tempo. Ainda há pouco uma empresa de Prado nos ofereceu o alarme. Estamos gratos a todos que nos têm ajudado», frisou o responsável máximo do clube que quer fazer uma «grande festa» no dia 22 de Maio, data prevista para a inauguração da nova sede.

Campo de futebol 11

Mas os sonhos do Presidente do Vilarinho não se ficam por aqui. «São 22 anos a trabalhar em prol desta Associação, muitas vezes em detrimento da vida familiar.



QUADRO TÉCNICO

Coordenador
Ezequiel Oliveira

Traquinas/Petizes
Treinador:
Ângelo Neves
Diretora:
Susana Fernandes

Benjamins
Treinador:
Ezequiel Oliveira
Diretora:
Paula Pereira

Infantis
Treinador:
Ricardo Mendes
Diretora:
Paula Rodrigues

Iniciados
Treinadores:
Ezequiel Oliveira e Márcio Vilela
Diretora:
Helena Alves
Treinador de guarda-redes
Márcio Vilela

►► *Depois do sintético, ACRD Vilarinho vai ter uma sede nova*

Estou a ficar cansado, mas o meu maior sonho é ver aqui um campo de futebol 11. É isso que nos falta», apontou.

Crescimento desportivo

Adelino Oliveira mostrou-se igualmen-

te orgulhoso com o crescimento desportivo da ACRD Vilarinho, em todos os escalões da formação. «A Associação tem muitos anos, mas na vertente do futebol somos o clube mais novo do Concelho, temos apenas cinco ou seis anos.

Estamos a crescer aos poucos», anotou o dirigente que obrigado a fechar as portas quase dois anos. «Durante a pandemia nem o portão abrimos. Era uma tristeza passar aqui e não ver ninguém. Mas os miúdos vieram outra vez», venceu.



Peteizes e traquinas



Benjamins



Infantis



**MUDARAM,
BALHOU»**

O Presidente do Vilarinho lamenta apenas que sejam poucos atletas da Freguesia. «Tirando a equipa de iniciados temos muitos poucos miúdos da nossa União de Freguesias. Os pais não são muito de os trazer para o futebol».

«Precisávamos de mais condições»

Clube movimenta perto de 90 atletas na formação

Ezequiel Oliveira é o homem forte para o futebol do Vilarinho. O Coordenador da Formação mostrou-se satisfeito com a adesão dos atletas depois de uma paragem de quase dois anos que deixou muitas marcas. «Quando recomecemos não reconhecia alguns miúdos, tanto a nível físico, como humano, mudaram mui-



to, tivemos de trabalhar muito a parte física e mental dos atletas», confidenciou o treinador, acrescentando. «Hoje em dia os miúdos estão mais focados nos telemóveis e nos tablets e os pais nem se importam, querem é vê-los entretidos», lamentou.

A ACRD de Vilarinho movimenta perto de 90 atletas entre os escalões de petizes e iniciados. «Estamos numa zona do Concelho com poucos miúdos e temos de ir buscá-los a outros locais. Somos um clube pequeno, sem as condições de outras colectividades do Concelho por isso ainda temos de trabalhar mais. Entramos no torneio de esperança e os miúdos foram ficando, porque estavam com “fome de bola” e de competição», venceu Ezequiel Oliveira, que gostava de ter mais atletas nos escalões de petizes e traquinas. «Costumávamos participar nos campeonatos lúdicos da AF Braga, mas este ano não tínhamos atletas suficientes e entramos nos torneios da APEF, uma vez por mês», disse.

O coordenador do Vilarinho deixou ainda um agradecimento ao Lanhas pelo facto de ter acolhido a equipa de iniciados. «Este ano entramos no campeonato com a equipa de iniciados e apesar de termos de andar com a “casa às costas” estamos a fazer um grande trabalho. Por isso, gostaria de publicamente agradecer ao Presidente do Lanhas por nos abrir as portas. Precisávamos de mais condições, mas temos de ir com calma», rematou.



Kika, traquinas

«Estou num grande clube»

«Quando vi o meu irmão jogar decidi experimentar, como gostei inscrevi-me no Vilarinho. Sou de Mós, mas gosto muito de jogar aqui, o Vilarinho é um grande clube. Também gosto de jogar futebol porque faz bem à saúde. Já aprendi a fintar, a marcar golos e a fazer cruzamentos».



Tiago, benjamins

«Gostava de ser jogador»

Sou de Portela do Vade e gosto muito de jogar no Vilarinho. O mister ensina-nos muitas coisas e também gosto de estar com os meus amigos. O campeonato está a correr mais ou menos, podia ser melhor. Um dia gostava de ser jogador de futebol».



Gabriel, infantis

«Evolui muito esta época»

«Comecei a jogar na frente, mas um dia experimentei ir à baliza e fiquei por aqui. O campeonato está a correr bem, mas o importante é que nos divirta-nos a jogar. Pessoalmente, tenho evoluído, sinto que estou mais guarda-redes. O meu ídolo é o Casillas, é pena ele não jogar mais».



Braga, iniciados

«Gosto mais de jogar futebol 11»

«Jogo a extremo esquerdo e sou o melhor marcador da equipa. Este é o primeiro ano no futebol 11 mas não tenho sentido dificuldades, até gosto mais. O campeonato está a correr bem e ainda temos hipóteses de ser campeões. Seria uma alegria enorme»



infantis



Iniciados

CD LAGO

CD LAGO DESESPERA PELOS NOVOS BALNEÁRIOS

▶ ▶ António Pinheiro diz que acredita na palavra de Manuel Moreira



Presidente, ao meio, com o Tesoureiro (esquerda) e o Director Desportivo

Depois de quase dois anos com as portas fechadas devido à pandemia, o CD Lago regressou esta época à competição mantendo-se fiel às origens. A aposta na formação continua a ser a bandeira do clube liderado pelo mesmo Presidente há 32 anos. António Pinheiro, que no dia 9 de Agosto completa 68 anos, está no clube há 40 e em Junho vai candidatar-se a mais três anos de mandato. «Estou a ficar cansado, mas vou ter de renovar por mais três anos», atirou o líder

dos lagoenses, com um sorriso à mistura. «Nestes dois anos, pintámos os balneários e os muros do campo para o regresso dos nossos meninos à competição. Temos todos os escalões no futebol de base e no de 11 apenas a equipa de juvenis. Na próxima época queremos ter as três equipas. Já estamos a trabalhar nesse sentido», antotou António Pinheiro, que se mostrou desgostoso com o facto de a Freguesia «não ligar muito ao futebol». «Temos duas grandes empresas, uma

de Portugal e outra estrangeira, que nos apoiam e contámos com o subsídio de 7.500 euros do Município. A Freguesia liga pouco ao clube», lamentou o dirigente, que daqui a três anos gostava de ter pela primeira vez ter uma experiência no futebol sénior.

«Se estes jovens se portarem bem e continuarem no clube talvez quando chegarem à idade de seniores tenhamos uma aventura no futebol sénior», revelou o dirigente, que por época gasta perto de 35 mil euros.

«Promessa com muitos anos»

António Pinheiro diz que o clube «desespera» há muitos pela construção dos novos balneários projectados para ficarem debaixo das bancadas.

«O Presidente da Câmara, Manuel Moreira, disse-me que primeiro foi o Caldelas, depois o Rendufe e que neste mandato se ia virar para o Lago. Espero bem que sim, pois esta é uma promessa com muitos anos», frisou o dirigente, que também pretende colocar iluminação «led» no parque de jogos.

«Balneários pré-históricos»

João Pinto é o homem da «massa» do CD Lago. A sua longevidade no clube quase iguala a do Presidente. O Tesoureiro dos lagoenses mostrou-se satisfeito por ver a bola a rolar de novo em Lago. «Pensava que ia ser um desastre, mas as coisas compuseram-se e até estão a correr bem. Estou muito satisfeito com o futebol de base», disse.

O director sublinhou ainda que o Lago tem investido muito nas infra-estruturas, mas ainda tem uns «balneários pré-históricos».

«Temos em Lago muitos construtores civis e vamos pedir-lhes uma ajuda para construir os balneários, pois os nossos jovens precisam de melhores condições», finalizou.

O Director Desportivo do CD Lago, José Pimenta, lamenta apenas não ter conseguido ter formado mais equipas no futebol 11. «No início ainda pensámos ter as três equipas no futebol 11 mas depois alguns atletas deixaram de aparecer e preferimos ter só uma equipa com muitos jogadores do que duas ou três «mancas», disse.



Fêtizos



Benjamins



Traquinas



«Queremos levar estes miúdos até aos seniores»

Armando Pereira, coordenador da formação



QUADRO TÉCNICO

Director Desportivo
José Pimenta

Coordenador
Armando Pereira

Juvenis
Fernando Rodrigues
Nuno Gomes
Cristiano Pereira

Futebol 9
Paulo Jorge
Pedro Monteiro

Futebol 7
Armando Pereira
José Balicha
João Ricardo

Benjamins
Luís Correia e Russo

Traquinas
André Fernandes
Vítor Silva

Petizes
Vítor Silva
Arménio Miranda

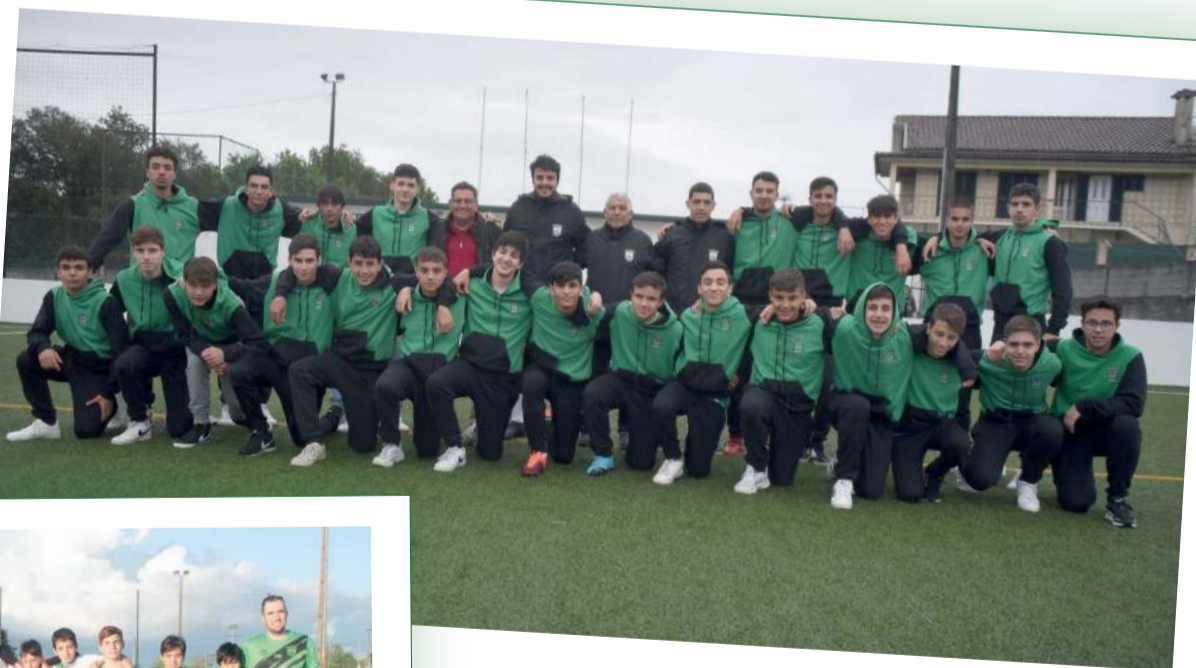
Armando Pereira chegou à coordenação da formação do CD Lago em 2019, mas só este ano é que vai conseguir terminar uma época. O treinador diz que o clube não sentiu dificuldades em formar equipas no futebol de base e mostrou-se satisfeito com o novo modelo dos campeonatos. «Sou a favor do novo modelo da AF Braga, que fez uma primeira fase para ver o nível de cada equipa e depois dividiu

os grupos. Para os miúdos é motivador, porque as equipas menos competitivas, que não ganhavam muitos jogos, têm agora oportunidade para jogar com outras do mesmo nível. As vitórias também motivam os jogadores», vincou.

Armando Pereira sublinhou ainda que este é um projecto a longo prazo. «Com estes jogadores queremos formar a primeira equipa sénior do

clube. Estamos à espera de criar as condições necessárias, nomeadamente os balneários, que são o nosso “calcanhar de Aquiles”. Não somos muito de andar pressões, mas espero que cumpram a promessa», atirou.

«Os miúdos deixam de ter motivação e começam a sair para outros clubes com mais condições», juntou o coordenador do CD Lago, que tem perto de 100 atletas no futebol 7 e 9.



Juvenis



Infantis



João Ribeiro (juvenis)

«Melhorámos muito»

«Somos um grupo novo, que começou com algumas dificuldades, mas fomos melhorando com o decorrer do campeonato. Ainda temos muitos jogadores do primeiro ano e na próxima época podemos fazer muito melhor. Este é o primeiro ano que estou no Lago e, sinceramente, estou a gostar muito».



Faria (infantis)

«Temos feito bons jogos»

«Tanto jogo na equipa de futebol 7 como na de 9. Os dois campeonatos estão a correr bem, temos feito bons jogos e evoluído, que é o mais importante. A minha posição é lateral esquerdo e tenho feito muitas assistências para os meus colegas marcarem golos».



Miguel (benjamins)

«Queremos é divertir-nos»

«O campeonato está a correr bem, a nossa equipa não se interessa muito pelos resultados, queremos é divertir-nos a jogar e estar com os amigos. Jogo a médio e gosto muito de fazer assistências para os meus colegas marcarem golos. Sou de Lago e gosto muito de jogar no clube da minha Freguesia».



Machado (traquinas)

«Aprendi muitas coisas»

«Estou aqui há um ano e meio e tenho aprendido muitas coisas com o nosso treinador, como fazer fintas, passes e rematar à baliza. Gosto muito de jogar com os meus amigos e temos ganho muitos jogos. Gostava ser de jogar de futebol».



Eduardo (petizes)

«Agora sou guarda-redes»

«Gosto muito de fazer fintas e de marcar golos, mas agora quero ser guarda-redes. O meu guarda-redes preferido é o Keylor Navas. Gosto de jogar no Lago porque tenho aqui amigos e gosto de brincar com eles».

GD CALDELAS - JOÃO PAULO

Um polivalente que até na baliza já jogou

João Paulo contribuiu com quatro golos para a manutenção do GD Caldelas

João Paulo foi ganhando ascendente na equipa do GD Caldelas com o passar das jornadas, no campeonato da Divisão de Honra, série B, o que se explica também com o facto de nas duas últimas épocas o jovem jogador praticamente não ter jogado devido à pandemia. O seu último ano de júnior com a camisola do GD Prado terminou em Março e na primeira de sénior, para além das constantes paragens, também não teve os minutos de jogo que desejava.

«Foram dois anos muito difíceis para os jogadores. No último ano de juniores apenas fizemos meia época e no ano seguinte apenas fiz um jogo a titular, fui poucas vezes utilizado. Não foi uma boa experiência, porque o grupo estava dividido, os jogadores que tinham vindo dos juniores equipavam num balneário e os outros noutro. Não houve oportunidade de nos integrarmos na equipa. Foi muito esquisito», contou o jogador, de apenas 20 anos.

«Esta época o meu treinador de juniores ligou-me a dizer que o “mister” Ducher gostava de contar comigo no Caldelas. No início ainda hesitei pelo facto de ser um pouco longe, mas depois de ver as condições do clube e a forma como me receberam decidi assinar e não estou nada arrependido», frisou.

«A adaptação foi muito boa, ao início foi estranho devido às regras apertadas da Covid-19, mas quando libertaram essas regras começámos a conhecer melhor as pessoas e foi muito mais fácil. É um bom ambiente e um bom clube para os jovens jogarem. Eu por vezes é que me enervo com os mais velhos porque estão sempre a “brincar”, mas só tenho de lhes agradecer o que me têm ensinado ao longo da época», acrescentou o jogador, natural de Palmeira.

Números interessantes

Quanto à sua contribuição no campeonato, João Paulo diz que os números são «interessantes». «No início senti algumas dificuldades, mas com o decorrer do tempo fui-me adaptando à equipa e aos colegas e as coisas começaram a melhorar. Tenho



feito bons jogos, marquei quatro golos e penso que tenho ajudado a equipa a atingir os seus objectivos», apontou João Paulo que, no entanto, esperava estar mais acima na tabela classificativa.

«A Direcção só nos pediu a manutenção, mas o grupo sentiu sempre que tinha valor para andar mais lá em cima, pessoalmente sou da mesma opinião. Não digo ficar nos três primeiros lugares, mas talvez do sexto para cima», anotou o médio.

Sistema mudou

João Paulo disse que a equipa não sen-

tiu a troca de treinadores, até porque tanto Nelinho como Mendes conheciam «bem os jogadores» e a «forma de a equipa jogar». No entanto, a chegada dos adjuntos de André Ducher ao comando técnico provocou uma mudança no sistema táctico. «Passámos a jogar num 4x4x2, em vez do 4x3x3. Também mudaram algumas coisas nos treinos, mas isso é normal pois cada treinador tem a sua forma de trabalhar e olham para o jogo de uma forma diferente. Muda sempre qualquer coisa», frisou.

E o que mudou foram igualmente os

resultados. A equipa vinha numa espiral nada positiva, já que nos últimos 10 jogos tinha vencido apenas um e com a mudança de equipa técnica somou quatro vitórias consecutivas que garantiram aos caldelenses a manutenção pelo terceiro ano consecutivo na Divisão de Honra da AF Braga. «A ideia da nova equipa técnica passa por ganhar os jogos todos até ao fim. Vamos ver se conseguimos. O que sei é que este clube tem condições para daqui a uns anos pensar noutros voos», frisou.

«Jogo em qualquer posição»

Um médio ao serviço da equipa

João Paulo diz que se adapta facilmente a qualquer posição no terreno de jogo. «Sou multifacetado, estou pronto a jogar onde o treinador necessitar de mim», apontou, acrescentado: «Penso que já joguei em todas as posições, até já fui à baliza num torneio em infantis. Não me dei nada mal pois fui considerado o melhor guarda-redes do torneio (risos)». No entanto, o jogador aponta a posição onde claramente rende mais dentro do campo. «Gosto de jogar a médio ofensivo ou então a médio interior ou extremo», anotou.



Do Alavés até às Termas de Caldelas

Começou a jogar em Espanha

João Paulo começou a jogar no Alavés, de Espanha, tendo ainda passado pelo Salva Terra, até aos seus pais regressarem a Portugal quando tinha 11 anos. Depois, passou pela formação do CD Lago e Adaúfe até chegar ao Faial, no segundo ano de juvenis. E seria no GD Prado que fez a sua estreia como sénior, na época passada. «Como todos os jogadores, gostava de jogar numa divisão mais acima, vamos ver se consigo», disse.



RIBEIRA DO NEIVA - ANDRÉ

O Ribeira do Neiva é a única equipa que ainda não perdeu na série B do campeonato da I Divisão da AF Braga e lidera a série B do campeonato da I divisão com mais dois pontos que o Pedralva, que perdeu os dois jogos diante dos ribeirenses.

«Não vou ser hipócrita: a subida é o nosso objectivo, mas ficava uma mágoa se não fôssemos campeões. Somos a única equipa invicta, temos a melhor série de vitórias, a melhor defesa e acredito que vamos ser também o melhor ataque. Depois, ganhámos os dois jogos ao Pedralva. Por isso, se não ficarmos no 1º lugar vai ficar sempre aquele amargo de boca», começou por referir André Fernandes, na conversa com o nosso jornal.

O experiente central chegou este ano ao Ribeira do Neiva depois de duas épocas no Esporões, que culminaram com duas subidas consecutivas de divisão.

«A última época não me correu muito bem e no final do campeonato eles disseram-me que não contavam comigo. O “mister” Zequinha perguntou-me se estava interessado em ouvir a proposta dos responsáveis do Ribeira do Neiva e o seu projecto desportivo. Saí logo do primeiro encontro com a sensação que ia jogar aqui. Isto apesar de ter outras propostas, até da Divisão de Honra», contou André.

«Foi a melhor decisão que tomei. Já passei por clubes organizados e outros com uma realidade diferente, onde tínhamos de pensar em muitas coisas para além de treinar e jogar. No Ribeira encontrei condições de trabalho e humanas excelentes. Não nos faltam com nada, só pensamos mesmo em treinar e jogar. Este clube tem tudo para estar no mínimo numa Divisão de Honra, quer pelas condições de trabalho que proporciona, quer pela organização e também pelas relações humanas que estabelece com o grupo. Fazem-nos sentir em casa», apontou.

André sublinhou ainda que a sua prestação ao longo da época tem sido superlativa. «Está a correr bem, não podia esperar melhor, os únicos jogos que não joguei foi por indisponibilidade. Colectivamente, também está a ser bom, pois na última jornada passamos para o primeiro lugar, com mais dois pontos que o Pedralva. Acredito que vamos manter esse posto até ao fim», venceu.

E nem a viagem de Braga até à Ribeira esfria os ânimos do jogador. «Para quem já jogou no Terras de Bouro esta viagem é um passeio. Vamos todos na carrinha em convívio, serve de descompressão após um dia de trabalho», disse.



«ESTE PODE SER O TÍTULO MAIS SABOROSO»

► ► André está encantado com o Ribeira do Neiva

«Podíamos estar destacados na frente»

Série mais competitiva das cinco

André aponta a série B como a mais competitiva do campeonato da I Divisão. O central sublinha ainda que a tabela agora reflecte o valor das equipas porque a «melhor» está no primeiro lugar. «Acho que a nossa série é a mais equilibrada de todas, mas também contribuímos um pouco para isso. Se tivéssemos vencido pelo menos metade dos jogos que empatámos estaríamos ainda mais destacados na frente. Penso que na última jornada em que ganhámos ao Rendufe e o Pedralva perdeu com o Palmeiras, fez-se justiça na tabela classificativa, porque somos a melhor equipa do campeonato. Mas é apenas a minha opinião», rematou.

Qual o segredo?

«Pode ser um chavão, mas acho que é a nossa união. Somos uma família que gosta de treinar e jogar com alegria. Torna-se fácil jogar assim, remamos todos para o mesmo lado, claro que as vitórias também ajudam».



«Claro que acalentei sonhos»

Formação no SC Braga e no Famalicão

André jogou até ao primeiro ano de júnior no SC Braga, tendo depois rumado ao Famalicão, onde ajudou a equipa de juniores a subir à I Divisão Nacional. «Tive sonhos e acalentei-os durante algum tempo», confidenciou o central, que se estreou nos seniores com o emblema do GD Prado ao peito. «Na minha primeira época de sénior, o Famalicão queria que fizesse a pré-época com eles. Mas como estavam na Pró-Nacional podia arriscar a ficar um ano sem jogar, então decidi assinar pelo GD Prado», contou.

«Nesse ano não joguei muito, o clube

estava na III Nacional e não tive muitas oportunidades», acrescentou André, que a seguir passou pelo Louro, Maximinense e Dumense, onde subiu duas vezes consecutivas.

«Depois tomei uma decisão errada ao assinar pelo Tadim, quando tinha outras propostas melhores», lamentou.

André jogou ainda no Soarense, Terras de Bouro e Esporões antes de rumar à Ribeira do Neiva. «Se formos campeões vai ser o título mais saboroso da minha carreira», apontou o jogador de 33 anos.

TERRAS DE BOURO - HÉLDER FARIA**«A Direcção e os jogadores não merecem descer»****Terras de Bouro com vida muito complicada para se manter na Honra**

O Terras de Bouro está numa situação muito complicada e corre mesmo sérios riscos de descer ao último escalão da AF Braga. A duas jornadas do fim do campeonato, os terrabourenses são a primeira equipa abaixo da “linha de água”, com 23 pontos, os mesmos que o Sobreposta, precisamente o seu próximo adversário. «Vai ser a grande final, é um jogo de “mata-mata”», atirou Hélder Faria.

«O nosso objectivo é não ficar nos últimos quatro classificados, que oficialmente descem de divisão», juntou o médio, que no entanto sabe que mesmo assim a equipa pode cair no último patamar. «Vamos ter de esperar pelas equipas que vão descer do Campeonato de Portugal, não vai ser nada fácil», apontou.

Hélder Faria, que entrou para a equipa já com o comboio em andamento, aponta várias razões para o insucesso desportivo. «Primeiro, os jogadores foram chegando a “contagotas” e isso acaba sempre por se pagar mais tarde. Depois, há cada vez mais uma falta gritante de compromisso das pessoas. Temos treinado com 12/13 jogadores. Saíram muitos jogadores em posições importantes da equipa. Tínhamos seis avançados e agora restam dois»,



lamentou o experiente jogador.

A confirmar-se a descida de divisão, Hélder Faria diz que será um rude golpe para o clube e para a Direcção, que está a procurar dar um novo rumo ao clube.

«A Direcção e este grupo de 12/13 jogadores, que nunca falham, merecem ficar nesta divisão. O Terras de Bouro, pelo menos, tem de estar na Honra, até porque vão reestruturar o parque desportivo. O Presidente, o Director Desportivo e os outros directores não merecem, pois nunca nos faltaram com nada», anotou.

No entanto, apesar dos maus resultados desportivos, o jogador diz que esta passagem pelo Terras de Bouro tem sido positiva.

«O Terras de Bouro está dife-

rente para muito melhor, quer em termos de organização, quer mesmo financeiramente. Posso dizer que ao dia 26 estamos a receber o mês corrente», finalizou.

Uma vaga para três equipas

A duas jornadas do fim do campeonato da série B da Divisão de Honra, três

equipas vão lutar pela única vaga para se manter nesta divisão. O Terras de Bouro vai jogar à casa do Sobreposta e na última jornada recebe o Celeirós, enquanto a equipa bracarense joga no reduto do Bairro. Já o Sequeirense recebe o Bairro e joga em São Cosme na última ronda.



PUBLICIDADE



Formações financiadas

- Ativos e desempregados
- Certificado de qualificações
- Subsídio de alimentação
- 100% financiada

Higiene e segurança no trabalho

Necessidades educativas especiais

Cozinha

Fotografia e vídeo

Inglês

Espanhol

Cake design

Francês

Se está interessado(a), garanta a sua participação e inscreva-se:
917 005 322 // geral@aevh.pt // www.aevh.pt

Entidade formadora:



Cofinanciado por:





OS REGADINHAS DE FREIRIZ

Obras a bom ritmo e balneários prontos para a nova época

“Os Regadinhos” de Freiriz vai melhorar o seu parque desportivo



A pandemia obrigou muitos clubes a fechar completamente as portas, principalmente aqueles que apenas têm na sua génese a formação, como é o caso de “Os Regadinhos” de Freiriz. Mas a Direcção do clube não cruzou os braços e continuou a trabalhar no melho-

ramento das suas infra-estruturas, tendo arrancado, no início de 2020, com a construção de novos balneários. Só que o espírito empreendedor levou-os a ir ainda mais longe.

«A obra inicialmente era para a construção de dois balneários, mais um para

os árbitros. Depois fomos muito mais ambiciosos e quisemos aumentar o espaço social. Vamos construir um bar novo, apoiado por uma copa, um salão, dois balneários novos, mais dois para os árbitros. Além disso, fizemos a cobertura para os balneários antigos. O secretariado vai

mudar e vamos ter mais condições para o departamento médico. Ficámos ainda com uma zona, na parte nova, em baixo, por onde vão entrar as equipas e os árbitros, para onde temos algumas ideias. Para já é só isso, vamos ver se as concretizamos», explicou Luís Miguel, que espera ter os novos balneários prontos para o início da nova época desportiva.

«As obras estão a correr em bom ritmo, agora não conseguimos dizer qual o prazo para estarem terminadas porque é muito difícil nesta altura prometer e cumprir, devido à falta de material e também de mão-de-obra. Mas contamos que a obra principal, os novos balneários, esteja pronta para o início da próxima época», apontou o Presidente de “Os Regadinhos” de Freiriz.

«Neste momento, não conseguimos ter uma ideia do valor que vamos gastar. Não queria arriscar em valores porque os preços estão sempre a subir», juntou o dirigente, que contou com o apoio do Município de Vila Verde e alguns patrocinadores que têm ajudado o clube ao longo destes anos.

Luís Miguel sublinhou ainda que esta era uma obra de que o clube necessitava e que a pandemia só veio acelerar. «Chegámos a fazer três jogos ao domingo de manhã e com dois balneários em tempo de pandemia é muito difícil de gerir. Isso fez acelerar a nossa necessidade de fazer estas obras. Temos de encerrar esta página para abrir outra», disse o responsável máximo pelo clube.

«Estamos entre os melhores da região»

Clube movimenta 230 atletas em todos os escalões da formação

A Covid-19 fez soar os alarmes e colocou algum receio nos responsáveis do clube relativamente ao que aconteceria no pós-pandemia. Iria o clube diminuir o número de atletas, estagnar ou continuar a crescer? A resposta foi dada pelo coordenador de “Os Regadinhos” de Freiriz.

«Na altura, prolongámos os treinos até Julho e tirámos logo uma radiografia do que iria acontecer. Percebemos que iríamos ter equipas muito preenchidas e estamos numa fase em que temos de recusar alguns miúdos, coisa a que não estávamos habituados. Neste momento, ultrapassámos os 230 jogadores», revelou Paulo Novais.

«Somos uma associação reconhecida por toda a gente. Não há muitos clubes a trabalhar como nós. Posso dizer isso, com humildade, que estamos entre os melhores da região. O processo de certificação está no terceiro ano, temos um conjunto de 30 pessoas nas equipas técnicas, com formação no futebol e faltava-nos dar este passo para ir ao encontro das necessidades dos pais e dos atletas que nos acompanham há muitos anos», frisou.

Paulo Novais sublinhou ainda que o segredo do sucesso está numa «aposta forte» nos escalões de petizes e traquinas, que são a raiz de toda a formação

Futebol 11 e 9 em Turiz

A Associação de “Os Regadinhos” de Freiriz, esta época, conseguiu concentrar todas as equipas em apenas dois espaços. O futebol 7, masculino e feminino, trei-

na e joga no campo do clube e as equipas de futebol 11 e 9 foram deslocadas para o renovado parque de jogos de Turiz. «Agora, as nossas preocupações são menos. Posso dizer que as nossas equipas de

futebol 11 nunca tiveram tão boas condições para trabalhar e assim também libertamos mais espaço para as restantes formações», anotou.



CN PRADO - VIANA

VIANA QUER CHEGAR À SELECÇÃO NACIONAL

▶▶ Jovem canoísta do CN Prado cumpre a primeira época no escalão de cadetes



Beatriz Viana, 14 anos, natural da Vila de Prado, é uma apaixonada pela canoagem, mas nem sempre foi assim. Antes de pegar numa pagaia ainda experimentou outros desportos. Chegou a ir a um treino de futebol (a sua paixão na altura) no Regadinhas de

Freiriz e também praticou andebol durante um ano. Só mais tarde, quando começou a acompanhar o irmão nos treinos e nas provas, é que começou a ganhar interesse pela canoagem, que se intensificou com a entrada para o Clube Náutico de Prado, há sete anos.

«Lembro-me bem do meu primeiro treino, era das mais novas, tinha sete ou oito anos e até treinei com o meu irmão. Na altura foi uma ajuda preciosa. Depois fui ficando, ganhei amor ao clube, à canoagem, às amizades que fui ganhando e ainda cá ando», contou a jovem canoísta, que está a fazer a primeira época no escalão de cadetes.

«Nas primeiras provas o que nós queremos mesmo é chegar ao fim sem nos preocuparmos em que posição vamos ficar. Depois, com o passar dos anos, vamos ganhando mais experiência e já queremos chegar entre os primeiros para tentar uma ida ao pódio. Ao longo destes anos aprendi muito com os treinadores e colegas mais experientes, tento crescer de uma forma sustentada, sem pressa de chegar ao topo. Sei que se trabalhar bem vou conseguir os meus objectivos», frisou.

Campeã em pista e “vice” em fundo

Na época passada, Viana foi vice-campeã regional de fundo e campeã em pista (K2), tendo ainda subido ao terceiro lugar do pódio em K4. Este ano, a canoísta já definiu as suas metas, que passam por obter um bom resultado entre as atletas da sua idade e conseguir uma chamada à equipa nacional de canoagem.

«Quero ser a melhor da minha idade para ser chamada à Selecção Nacional. Para o ano, vou tentar chegar ao título nacional de cadetes. Pelo menos vou trabalhar para isso, vamos ver se consigo ou não (risos)», atirou a canoísta, que mora às portas do Rio Cávado.

«Sinto-me à vontade tanto nas provas

de fundo, como de pista, não tenho problemas, pelo menos para já», juntou a atleta, elogiando o trabalho desenvolvido pela equipa técnica liderada por José Ramalho.



«A entrada do José Ramalho só trouxe coisas positivas para o clube e os atletas. Já o conhecia de o ver nas provas, é uma referência para todos na canoagem. Ele incentiva-nos muito tanto nos treinos, como nas provas. Depois, a Rita faz um grande trabalho fora da água, porque também é muito importante ter cuidados com a alimentação e o descanso», completou.

Gabi como exemplo

Viana diz que foi «bem recebida»

Beatriz Viana iniciou há pouco tempo a sua viagem na canoagem mais adulta, treinando com os atletas mais velhos. A jovem canoísta confidenciou que no início estava um pouco «receosa», mas o «calor humano» com que foi recebida deixou para trás todos esses medos. «Acolheram-me bem e estão

sempre a dar-me conselhos. Fiziram-me sentir bem no grupo deles, quando isso acontece as coisas ficam bem mais fáceis», anotou.

Viana confidenciou ainda que tem como referência a «amiga» Gabi Brito. «Para mim é um exemplo que gostava de seguir. Apesar de ainda ser muito nova já con-

quistou muita coisa na canoagem e estou convicta que vai ser uma atleta de topo nacional. Para além de ser uma referência na água é também uma grande amiga. Está sempre a dar-me conselhos durante os treinos, incentiva-me muito. Gostava muito de seguir as suas pisadas na canoagem», finalizou.

Seleção na mira

Primeira experiência em infantis

Viana já foi convocada uma vez para um encontro de infantis. «Não estava à espera, mas como uma atleta não conseguiu estar presen-

te fui chamada», contou a canoísta, que gostava de repetir a experiência, agora mais a sério no escalão de cadetes. «Esse é o sonho de

qualquer atleta. Gostava muito de estar nos Olympic Hopes, mas não vai ser fácil», disse.



RAFA E LENNO

QUEM SEGUE VIAGEM ATÉ AO



«Época tem sido brilhante mas ainda não acabou»

Rafa aponta à final com o Brito

Desportivo: Como surgiu o convite para jogar no Dumiense?

Rafa: Logo que terminou a época, o “mister” Vítor Sá Pereira, que trabalhou comigo no Ribeirão, disse-me que ia para o Dumiense e que o André Brito queria que eu também fosse. Depois, o Nelson Pereira ligou-me e chegámos a acordo.

Que realidade encontrou?

Um clube muito organizado, preparadíssimo para subir aos Nacionais, que é o nosso objectivo. O Dumiense está preparado para dar esse passo, sem dúvida.

Olhando para a tabela fica-se com a ideia que o vosso percurso foi um passeio...

Mas não foi. Ao contrário do que dizem, esta série é tão competitiva como a outra. O que nós fizemos foi uma coisa que até hoje ainda ninguém tinha feito. Não é normal nenhuma equipa terminar o campeonato sem derrotas. Por isso esta diferença pontual. Mas a nossa série tem boas equipas, com qualidade, tivemos jogos equilibrados e alguns deles ganhámos mesmo em cima da hora. Foi uma época brilhante da nossa parte, mas ainda não acabou. Agora, temos a finalíssima, espero que nos sorria.

São os dois jogos mais importantes da época?

São porque vão decidir quem vai ser campeão e subir aos Nacionais, mas os outros também foram, porque se não os

tivéssemos ganho não tínhamos chegado até aqui. No futebol sabemos que quem ganha é lembrado e quem perde é esquecido rapidamente. Apesar disso, dentro do balneário, ninguém vai esquecer esta época brilhante que fizemos.

Que avaliação faz da equipa do Brito?

É um adversário forte, que também dominou a sua série. Conheço bem os jogadores, ainda agora estive com quatro na Selecção da AF Braga, temos uma óptima relação.

Duelo

Vai ser um duelo interessante com o melhor marcador do campeonato...

Espero ser eu a ganhar (risos). Mas mais do que as individualidades, preocupamo-nos com o colectivo. Sabemos da importância para o clube destes dois jogos, a Direcção não nos tem faltado com nada e achamos que está na hora de retribuir. Queremos ficar na história do Dumiense.

Estudou a forma de jogar do Lenno?

Nestas divisões todos os jogadores se conhecem. Estes jogos podem ser decididos nos detalhes e quanto melhor conhecermos o adversário mais hipóteses temos de ganhar. Estamos mais preocupados com o nosso jogo. Se estivemos bem, na nossa melhor performance, somos capazes de ganhar.

Qual o segredo para sofrer tão poucos golos?

Penso que é a concentração. Como somos uma equipa que gosta de ter muita posse de bola, o adversário não cria muitas oportunidades de golo, por isso temos de estar sempre muito concentrados para que, quando eles forem à nossa baliza, não sejamos surpreendidos.



«Faltou-nos aquela pontinha de sorte»

Participação na Taça das Regiões da UEFA

Rafa esteve presente na fase final de Portugal da Taça das Regiões da UEFA e diz que faltou sorte à Selecção da AF Braga para ter seguido em frente.

«Foi uma desilusão para todo o grupo, porque sentimos que éramos superiores. Não foi por falta de empenho, os jogadores deram tudo, mas naquele jogo com Santarém, onde fomos claramente superiores, podíamos estar lá todo o dia que não marcávamos um golo. Faltou-nos aquela pontinha de sorte. Desde já queria a agradecer à AF Braga que não nos faltou com nada durante a competição», disse o guarda-redes.



CAMPEONATO DE PORTUGAL?

Entre o Dumiense e o Brito, duas equipas que se vão enfrentar no duelo individual que também vai prender a atenção. A vitória do Dumiense vai estar o guarda-redes a marcar golos apontados. Quem irá levar a melhor? Os jogadores vão preparar a subida ao Campeonato de Portugal.



«Se tiver oportunidade não a vou guardar»

Lenno antecipa duelo com o Dumiense

Desportivo: Como surgiu o convite para jogar no Brito?

Lenno: Cheguei a Portugal com 25 anos para jogar no Limianos. Na primeira época entrei na equipa praticamente no final e não deu para evitar a descida, mas no ano seguinte prometi que voltaria para ajudar o clube a subir e assim foi. Ainda joguei no Pedras Salgadas e no Loures antes de ir para o Berço. Esta época surgiu o interesse do Brito, conversámos e chegámos a um acordo.

Que realidade encontrou no clube?

Encontrei um bom clube, com boas condições, só tenho a agradecer o que o Presidente tem feito por mim. Nunca falhou, nem faltou com nada com o que me prometeu antes de eu assinar. Estou muito feliz aqui.

É a primeira vez que joga neste campeonato. Com que impressão ficou?

É algo novo para mim, mas surpreendeu-me pela positiva. É uma prova competitiva, com boas equipas. O nosso grupo é muito forte e unido, por isso que fizemos esta brilhante campanha.

O futebol praticado é muito diferente do Campeonato de Portugal?

Sim, no início estranhei um pouco, mas nada a que não me possa adaptar. Contei com a ajuda dos meus colegas que também tinham jogado nos nacionais. No Campeonato de Portugal joga-se com mais posse de bola, aqui é mais na "briga" e na raça. Mas o nosso grupo tem muita qualidade e temos jogado bom futebol

Qual o segredo para marcar tantos golos?
Sou o meu maior crítico. Em algumas partidas em que não estou bem sou o



primeiro a criticar-me. Trabalho muito e chego até a ser chato para os meus colegas, mas estou habituado a esta exigência. Penso que o meu segredo é a persistência. O balanço é muito positivo, tanto individual como colectivamente.

Agora vem aí a grande final. Alguma ansiedade?

Há sempre ansiedade, é normal. A partir do momento em que o jogador deixa de ter essa dor na barriga o futebol deixa de ter graça. Temo-nos preparado bem, com muito trabalho, para chegar a esses dois jogos nas melhores condições físicas e psicológicas, porque são dois jogos mas tudo se pode decidir apenas num. Vamos com o "pezinho" no chão e muita humildade.

Há favoritos para estes dois jogos?

Não gosto muito de falar disso, mas eles são favoritos porque decidiram a série primeiro do que nós. Nós temos feito o nosso trabalho e temos de nos manter focados nisso. Penso que são dois jogos que vão ser decididos nos detalhes. A equipa que errar menos, que for mais eficiente no último terço do campo, pode ser campeã.

Curioso vai ser também o duelo com o Rafa.

Tenho de fazer o meu papel. Se tiver uma oportunidade vou tentar não perder e ele como é um grande guarda-redes, que teve oportunidade de conhecer, vai tentar evitar o golo. Vou deixar isso para o jogo, mas se tiver oportunidade não a vou guardar.

SANTA MARIA - LUÍS SALGUEIRO

«Nunca imaginei terminar assim a

► ► Carlos Salgueiro despediu-se dos relvados aos 35 anos

Carlos Salgueiro, ou simplesmente Salgueiro, despediu-se dos relvados, aos 35 anos, no dia 16 de Abril, com a camisola do Santa Maria ao peito, rodeado da família e de amigos. Um fim perfeito de um guarda-redes que aos 16 anos assinou o primeiro contrato profissional com o Gil Vicente, tendo-se estreado na I Liga pelo emblema gilista. Nesta viagem sobre a sua carreira vamos ficar a conhecer melhor o guardião e o homem que aos 20 anos decidiu deixar o futebol profissional para abraçar uma licenciatura em Educação Física e Desporto.

Caiu o pano em mais uma época. Esta foi especial?

Sim, foi muito especial. Numa fase inicial ficou um pouco aquém das expectativas, com lesões, castigos, alguns jogadores que deixaram o clube por razões profissionais e outros porque foram para campeonatos superiores. Mas chegámos ao fim e superámos todas as nossas expectativas com a conquista do segundo lugar, pois os objectivos iniciais passavam apenas por assegurar a manutenção o mais rapidamente possível.

Costuma-se dizer que o segundo lugar

Qual o treinador que mais o marcou?



Foi o meu pai, porque foi o treinador que mais tempo trabalhou comigo. Tanto eu, como ele e mesmo o meu irmão, sabíamos diferenciar bem as coisas. Em casa era o nosso pai, que nos tinha de dar educação, mas no campo era o treinador. Se tivéssemos de ir para o banco aceitávamos com naturalidade. Nunca houve problemas, nem com os colegas.

é o primeiro dos últimos. Este teve outro sabor ou não?

É verdade que este segundo lugar não nos dá direito a conquistar nada, mas para o grupo significa muito. Este foi um campeonato onde o Dumiense correu à parte, os números que conseguiram são os melhores de sempre na Pró-Nacional, são uns justos campeões de série e desejo-lhes muita sorte para a final com o Bri-

to. Nós fizemos um grande campeonato. Quem sabe se o clube não começa aqui a trilhar de novo os caminhos para os Nacionais.

Sem o Dumiense seria um campeonato mais emotivo?

Sem dúvida, porque a luta pelo segundo lugar foi até à última jornada, bem como pela manutenção. Foi um bom campeonato, com equipas com muita qualidade e ficou demonstrado que quem quiser ficar nesta divisão tem de se apetrechar bem, pois as equipas que desceram tinham subido na época anterior.

Acaba por terminar a carreira juntos dos seus.

Desde os cinco anos que ando no futebol e tudo tem um começo e um fim. Achei que este era o ano indicado para colocar o fim à minha carreira no clube do meu coração. Sempre foi esse o meu desejo. Sou da terra, conheço o clube deste pequeno, fui onde comecei a jogar, vi o meu pai jogar aqui e a começar como treinador. Deixa-me mais orgulhoso porque termino com o meu pai como treinador e o meu irmão como colega de equipa. Sinceramente, nunca imaginei terminar assim a minha carreira. Foi um fim perfeito.

E já desligou a ficha?

Está meio desligada, porque neste momento estamos num contexto de férias desportivas. Penso que quando se iniciar a nova época e começar a ver os meus colegas a ir para o treino e eu a ficar em casa é que me vai cair verdadeiramente a ficha.

O seu futuro não passa pelo futebol?

De momento, não. O Santa Maria convidou-me para treinar uma equipa da formação, mas a minha vida profissional está muito preenchida. Quem sabe um dia não regresso àquela casa mas noutras funções.

O que de bom lhe deixou o futebol?

As amizades que conquistei ao longo destes 30 anos. Pessoas que não conhecia e que ficaram amigas para toda a vida. Depois, as conquistas, que felizmente foram mais do que as derrotas. Ainda na minha despedida, no balneário, falei aos meus colegas da “dobradinha” que consegui com a camisola do Santa Maria. Disse-lhes que este clube tem um ADN ganhador e é muito respeitado na AF Braga. Esse foi um dos anos que me marcaram muito. Nem o Presidente acreditava no título, pois tínhamos o Famalicão a lutar connosco. São essas conquistas, amizades e aprendizagem que o futebol nos dá que ficam para sempre.

Vamos fazer uma pequena viagem pela sua carreira. Ainda se lembra que quem o levou ao primeiro treino?

Ninguém. Eu morava a perto do campo do Santa Maria e ia a pé com os meus colegas.

Mas não ficou muito tempo no clube.

Não. O SC Braga e o Gil Vicente de-



monstraram interesse em mim. Na altura, o SC Braga ainda não tinha as condições que tem hoje e seriam os meus pais a ter de me levar aos treinos. Então a minha disse: “ou vais para o Gil Vicente ou então ficas no Santa Maria”. Como pretendia dar o salto decidi ir para o Gil Vicente.

E como correram as coisas?

Bem. No primeiro ano de juvenil assinei o meu primeiro contrato profissional. Fui para o banco dos seniores com apenas 16 anos, era o falecido Vítor Oliveira o treinador. No último ano de juniores era o

terceiro guarda-redes da equipa principal e no primeiro ano de seniores ainda me estreei na I Liga.

E o que se passou depois?

Olhe, depois acabei por rescindir e ir estudar e acho que foi a melhor coisa que fiz.

Porquê?

As pessoas do clube depositavam muita esperança em mim. Lembro-me do Diamantino Figueiredo, que agora é o treinador de guarda-redes da equipa



Salgueiro em acção num dos jogos do Santa Maria

minha carreira. Foi um fim perfeito»



dúzia de clubes que me queriam contratar.

Foi como uma segunda vida no futebol?

É verdade. Na altura tinha 20 anos, ainda era muito jovem e fui a tempo de conseguir fazer uma carreira bonita.

E dentro dessas opções todas qual o clube que escolheu?

Fui para o Pico de Regalados. O meu pai era o treinador. Joguei lá com o Pedro Reis, o Ribeirinho, e o Carlos Gonzalez, que estava comigo no Santa Maria e também deixou de jogar este ano, entre muitos outros.

Daí voltou aos Nacionais?

Recebi um convite do Vieira, que na altura jogava na antiga III Divisão Nacional. Mas no final da época as pessoas do Santa Maria fizeram uma grande força para eu regressar ao clube.

E como correu esse regresso?

Não podia ter sido melhor. Nesse ano fomos campeões na Divisão de Honra e vencemos a Taça da AF Braga. Foi uma época fantástica onde brilhou o Hugo Vieira, que na altura tinha 20 anos, era três anos mais velho do que eu. Fiquei no clube mais dois anos nos Nacionais e depois fui para o Maria da Fonte, onde também fizemos uma boa época na III Nacional.

Neca treinou pai e filho

Daí deu o salto para onde?

Para o Trofense, com o professor Neca, que já tinha sido treinador do meu pai e é natural de Galegos. Até acabei por ir para lá por intermédio do Reguila, que nesse ano já não jogava lá. Ainda fiz alguns jogos na Taça da Liga e na Liga de Honra, mas não tanto como desejava. Estava “tapado” pelo Marco Gonçalves, um guarda-redes que tinha passado pelo SC Braga e pelo Gil Vicente. Foi outro dos bons amigos que fiz no futebol. Também joguei com o Paulinho, meu conterrâneo e amigo de infância. Mas como estava com três meses de salários em atraso decidi procurar um clube que treinasse à noite para continuar a exercer a minha profissão.

Foi aí que surgiu o Forjães?

Sim, e lá está, outra vez por causa dos amigos. O Aníbal era o treinador e jogam lá muitos jogadores que eu conhecia bem. Nesse ano subimos à Pró-Nacional sem derrotas.

Experiência na Alemanha

Aos 33 anos teve uma experiência, embora curta, no estrangeiro.

É verdade. Fui jogar para o Hamm United, na quarta divisão alemã.

E como correu?

Foi muito positiva e enriquecedora, o clube tinha umas condições espetaculares. O plantel era composto por jogado-

«Não gostava de correr»

Como surgiu essa vocação para a baliza?

Não sei se foi vocação (risos). O meu pai jogou a médio centro e o meu irmão também joga, mas como na escola era o mais alto e então decidiram colocar-

me na baliza. Mas para ser sincero também não gostava de correr, cansava-me muito depressa. Nos infantis ainda me colocaram meia parte na baliza e outra meia na frente. Não era definitivamente a minha praia.



Salgueiro e Carlos Gonzalez despediram-se do plantel no último jogo do Campeonato

pa técnica do Sérgio Conceição no FC Porto, dizer que queria ficar comigo. Só que talvez não tivesse conhecido as pessoas certas. Depois também comecei a assistir a muitas jogadas de empresários que queriam meter este e aquele guarda-redes. Isso para mim não encaixava e foi então que decidi abandonar para me dedicar ao curso de Educação Física. Foi a melhor opção que tomei.

«São essas conquistas, amizades e aprendizagem que o futebol nos dá que ficam para sempre»

Regresso

Mas acabou por regressar aos relvados.

Sinceramente, estava mesmo com a ideia de deixar o futebol. Mas os meus amigos chatearam-me tanto que acabei por assinar pelo Cristelo, que nesse ano estava a lutar pela manutenção. Acabamos por nos manter na Divisão de Honra. Fiz uma grande época e lembro-me que no final do campeonato tinha uma

res de 15 nacionalidades. A minha sorte era que o treinador era brasileiro. Mas no balneário era uma grande mistura de línguas e culturas.

Depois acabou por voltar ao Santa Maria?

Joguei mais três anos. Como já referi, não podia desejar melhor fim de carreira.

Ficou satisfeito com o seu percurso futebolístico?

Fica sempre a sensação que podia ter chegado mais longe, se tivesse conhecido as pessoas certas quando estava no Gil. Mas na altura tomei a decisão certa e não estou nada arrependido do trajecto que fiz.



Carlos Salgueiro com a sua filha

SC CABREIROS - MARCO LIMA

«Foi a minha melhor época no Cabreiros»

Marco Lima foi o melhor marcador da equipa bracarense



Marco Lima faz um balanço positivo da sua prestação ao longo desta época com a camisola do SC Cabreiros. O atacante, que cumpriu a terceira época na equipa bracarense, apontou 12 golos, ficando apenas a três de Bié, melhor marcador da série A do campeonato da Pró-Nacional da AF Braga.

«Desde que estou em Cabreiros foi a minha melhor época em termos de golos, marquei 12. Acho que foi uma época bem conseguida e, felizmente, sem lesões. Tínhamos um grupo com muitos jovens, curto, mas conseguimos ultrapassar várias adversidades ao longo do ano. Acabámos por fazer um campeonato tranquilo e até poderíamos ter ficado no segundo lugar, o que era muito bom, pois o Dumiense não facilitou nada a vida aos adversários», disse o jogador, que ajudou a equipa a terminar no quinto posto, com 43 pontos, os mesmos que o GD Prado, que ficou uma posição acima na tabela classificativa.

«O segundo lugar não era um objectivo declarado, mas queríamos acabar com a melhor classificação possível. Nos últimos jogos estivemos muito desfalcados, devido a castigos e lesões. Mesmo no jogo com o SP Arcos, que encerrou a época, tínhamos jogadores de fora devido à Covid-19. Acabámos por andar sempre a remendar a equipa, mas mesmo assim conseguimos uma excelente época», apontou Marco Lima.

«Dumiense é um justo campeão»

Quando ao campeonato, o jogador diz que o Dumiense foi um justo campeão de série. «Não restam dúvidas quanto à justiça do primeiro lugar. Relativamente às restantes equipas, acho que havia algum equilíbrio, com bons jogos, outros nem tanto. Tivemos situações de equipas que abdicavam de jogar, mas cada um usa as armas que tem, são estratégias», disse Marco Lima, sublinhando que prefere um campeonato com apenas uma série.

«Este modelo torna o campeonato menos competitivo e mais curto. Repare que as

equipas que não estão na Taça terminaram a época a meio de Abril. Era bom que a AF Braga retomasse rapidamente o anterior modelo competitivo com todas as equipas da região na mesma série. Há boas equipas na zona de Guimarães e assim a prova iria ficar mais rica em todos os aspectos», frisou o jogador, que já passou por clube como V. l.averdense, Vieira, Águias da Graça e Porto d' Ave, antes de rumar ao SP Arcos, onde esteve quatro temporadas consecutivas.

Épocas desgastantes

Em 2019/20, Marco Lima assinou pelo Cabreiros, mas apenas este ano conseguiu fazer uma época completa. «O primeiro ano terminou em Março e o segundo foi o que toda a gente sabe, com muitas paragens devido à Covid-19. Por isso, este foi o ano em que realmente fiz uma época completa no Cabreiros», anotou o atacante, que no início sentiu algumas dificuldades fruto desses dois anos jogados a conta-gotas.

«No início sentimos um pouco a diferença, o corpo não reagia da mesma forma, estávamos mais frágeis fisicamente, o que originava mais lesões. Além disso, voltámos a ter um grande surto de Covid-19, eu incluído, o que nos obrigou a adiar jogos. Mas depois as coisas foram-se compondo e podemos dizer que até não correu muito mal em relação aos anos anteriores», frisou.

«Vou continuar a jogar»

Atacante diz que se sente bem

Com 35 anos completados no mês de Março, o atacante mostra-se com vontade de continuar a jogar futebol, seja em Cabreiros ou noutra equipa. «Sinto-me bem física e psicologicamente, por isso vou continuar a jogar ou no Cabreiros ou noutra lado qualquer. Não penso abandonar o futebol para já», afirmou.

«O avançado vive de golos»

Marcou por 12 vezes

Marco Lima diz que todos os avançados sonham em ser os melhores marcadores, pois o golo está no seu ADN. «Quando começa a

época todos pensamos nisso, porque temos de ser ambiciosos e o golo é que nos alimenta. Cheguei aos 12 golos, é uma boa marca. Se

podia ser o melhor marcador? Da série A talvez, pois o Bié apenas marcou mais três, agora do campeonato não, porque o Lenno fez 25

golos. De qualquer forma, estou muito contente com a minha prestação ao longo desta época», frisou.

